GUERRA DE NARRATIVAS: UM ESTUDO SOBRE SUA ESTRUTURA, SEU FUNCIONAMENTO E SEUS EFEITOS

Narrative Warfare: A Study On Its Structure, Its Operation And Its Effects

VITOR MUNIZ TOMAZONI
Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC)
E-mail: vitortomazoni@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar o estudo sobre o que é Guerra de Narrativas e, a partir da elucidação de seus elementos, analisar como ela se fez presente em uma reportagem do jornal Folha de S. Paulo referente aos Hospitais Militares das Forças Armadas (Sassine, 2021), durante a crise do sistema de saúde causada pela epidemia do Coronavírus. A metodologia adotada será a da pesquisa bibliográfica e o estudo de caso, inicialmente explorando o conhecimento acadêmico sobre o tema para, a partir daí, realizar a análise de dados, utilizando a Análise de Discurso Crítica e a Semiolinguística como ferramentas. A guerra de narrativas emprega em suas ações elementos de várias áreas do conhecimento, incluindo a filosofia, linguística e psicologia, e possui como principal objetivo influenciar comportamentos e percepções em um público-alvo (Maan, 2018). Dentro do recorte abordado por esse trabalho, verificou-se o efeito que a construção textual e seleção de palavras possuem na criação de sentido e identidades, bem como o peso que a credibilidade do narrador possui em criar o efeito de verdade e influenciar o leitor.
Palavras-chave: guerra de narrativa; Covid-19; Exército Brasileiro; hospitais militares; análise de discurso crítica.

Abstract: This article aims to present the study on what is Narrative Warfare and, from the elucidation of its elements, to analyze how it was present in a report of the Folha de S. Paulo newspaper referring to the Military Hospitals of the Armed Forces (Sassine, 2021), during the health system crisis caused by the Coronavirus epidemic. The methodology adopted will be the bibliographic research and the case study, initially exploring the academic knowledge on the subject to, from there, carry out the data

analysis, using Critical Discourse Analysis and Semiolinguistics as tools. The Narrative Warfare employs elements from various areas of knowledge, including philosophy, linguistics and psychology, in its actions, and its main objective is to influence behaviors and perceptions in a target audience (Maan, 2018). Within the scope addressed by this work, it was verified the effect that the textual construction and selection of words have on the creation of meaning and identities, as well as the weight that the narrator's credibility has in creating the effect of truth and influencing the reader.
Key words: narrative warfare; Covid-19; Brazilian Army; military hospitals; critical discourse analysis.

INTRODUÇÃO

A crescente polarização política da população brasileira cria um cenário desafiador à imagem das Forças Armadas (FFAA) e, consequentemente, do Exército Brasileiro. O cada vez mais acirrado embate entre correntes ideológicas opostas faz com que cada fato, por mais simples que pareça, possa ser explorado dentro de uma narrativa com a intenção de fortalecer ou enfraquecer a imagem de pessoas e instituições.

As estratégias para lidar com a problemática acima apresentada vão ao encontro de uma das prioridades estabelecidas pelo Exército Brasileiro (EB) em sua Diretriz Geral de Comunicação Estratégica:

> A imagem institucional é um ativo de grande relevância no EB. Sua preservação e fortalecimento devem conter abordagens preventivas e reativas, diante das ameaças potenciais ou concretas que possam afetá-la. Assim, os princípios éticos e os valores morais que sustentam a instituição e a sua cultura organizacional devem ser resguardados contra posicionamentos adversos (Brasil, 2020b, p. 2).

Desse modo, justifica-se a busca de uma compreensão diligente do que é a Guerra de Narrativas (GN) e de como atuar a partir dela, haja vista sua capacidade de influenciar comportamentos e percepções. Essa influência pode vir, desde simples indivíduos, até de grandes grupos sociais, moldando, por fim, a opinião pública (Maan; Cobaugh, 2018). E esse poder de moldar percepções, segundo os mesmos autores, não depende de "dizer a verdade", mas ser identificado como alguém que diz a verdade. Ideia essa que é apresentada por Charaudeau (2013), na Semiolinguística, linha francesa da Análise do Discurso, como a disputa valor de verdade (objetiva) versus efeito de verdade (subjetiva).

Continuando, esse artigo tem como objetivo principal apresentar o que é a Guerra de Narrativas, explorar seus elementos internos, abordar como ela atinge seus objetivos e, por fim, demonstrar como ela se fez presente em um caso específico, a saber, a matéria do jornal Folha de S. Paulo, abordando o assunto da necessidade de leitos para pacientes de Covid-19 e a suposta reserva de vagas em hospitais militares.

Em vista de se atingir os objetivos acima definidos, duas metodologias complementares serão empregadas. O primeiro método será a pesquisa bibliográfica, em que serão identificados e apresentados autores que desenvolvem trabalhos sobre a Guerra de Narrativas e seus elementos relacionados. Em segundo lugar será realizado o estudo de caso, em que será analisada a reportagem publicada pelo jornal Folha de S. Paulo sobre a reserva de vagas em hospitais militares (Sassine, 2021). Em geral, a abordagem de investigação será a denominada mista (qualitativa e descritiva), debruçando-se sobre o material em questão, tudo isso feito com o auxílio da Análise de Discurso Crítica como ferramenta de análise de dados.

Vale ressaltar que o presente artigo dará ênfase ao material produzido pela Folha de S. Paulo, em detrimento das respostas e reações geradas pelo Exército Brasileiro. Tal ênfase não implica que não tenha ocorrido um embate entre os posicionamentos ideológicos dessas instituições, o que é justamente uma das características de uma Guerra de Narrativas, conforme será abordado a seguir.

Dentro da expressão Guerra de Narrativas, define-se "guerra" como "Qualquer luta ou combate com ou sem armas; combate, conflito, disputa" (Michaelis, 2021, p. 474) ou seja, uma disputa entre oponentes que também ocorre dentro do campo da ideologia. Já o termo "narrativa" não deve ser entendido simplesmente como um tipo de texto literário. Pois, em primeiro lugar, uma narrativa pode ser estratégica (quando usada dentro da GN), se tornando uma parte duradoura da comunicação estratégica com contexto, razão/motivo e objetivo/estado final (Commander's, 2010). E em segundo lugar, narrativas, no contexto do tema desse artigo, possuem a característica de apresentar uma versão dos fatos (reais) constituída a partir de elementos como a verossimilhança e conexão emocional com o público-alvo (Lejano; Nero, 2020), conceitos estes que serão aprofundados no decorrer desse trabalho.

Prosseguindo, no início do ano de 2020, o Exército Brasileiro deu início à Operação Covid-19, tendo como principal objetivo preparar e proteger os recursos humanos no enfrentamento dessa doença, bem como prestar o apoio necessário à população e ao Estado (Brasil, 2020c). As ações desempenhadas se deram em torno do apoio à

vacinação, apoio com militares da área de saúde, apoio logístico e também à infraestrutura necessária. Porém, dado o momento político no qual o Brasil se encontra, qualquer ação das Forças Armadas e, consequentemente do Exército, que tivessem qualquer indício de falha seriam exploradas por grandes empresas de mídia, isso feito de forma a influenciar a opinião pública, atingindo dessa forma um dos pilares da Comunicação Social do EB, a **credibilidade, segundo conceito apresentado no "Manual de Fundamentos: comunicação social"** (Brasil, 2022d, p. 2-4).

No mês de abril de 2021, um jornal de alcance e visibilidade nacional noticiou (conferir anexo A) que os hospitais militares estariam de forma deliberada negando leitos para pacientes da população civil de covid-19 (Sassine, 2021). Tal notícia deu início à exploração desse tema por outras empresas e veículos de mídia, todas propagando o fato com o mesmo teor negativo da primeira matéria. Em contrapartida, um pronunciamento oficial por parte das Forças Armadas em forma de nota oficial foi expedido no dia posterior à reportagem (Brasil, 2022a). Todavia, tais fatos, da maneira como foram produzidos e apresentados pela mídia, alimentaram uma narrativa que trouxe consequências negativas para a imagem dos militares, como foi observado no desenrolar da comissão parlamentar de inquérito criada para apurar omissões ou falhas no combate à pandemia (Gielow, 2021), assim como na declaração dada por um ministro do supremo tribunal federal - "exército está se associando a genocídio" (Cable News Network Brasil, 2020).

Pelo cenário acima apresentado, evidencia-se a importância de se compreender como funciona a Guerra de Narrativas e, a partir desse entendimento, se ter a capacidade de identificar quando ela está sendo usada para influenciar indivíduos e a opinião pública em geral.

O QUE É UMA GUERRA DE NARRATIVAS?

Inicialmente, a primeira questão que se coloca é: o que é uma narrativa? O dicionário Michaelis (2021, p. 616) coloca esse termo como o relato de um acontecimento ou fenômeno, dando assim o uso coloquial dessa palavra. Porém, dentro do tema desse artigo, esse termo ganha um significado mais profundo: narrativas não são apenas relatos de fatos, elas recontam eventos de maneira a dar um sentido a eles (Maan; Cobaugh, 2018). Além disso, independentemente de como é empregada, a narrativa

também pode ser entendida como uma história contada por um narrador, sendo que a mesma história pode ser contada de maneiras diferentes por diferentes narradores (Lejano; Nero, 2020).

Continuando, Maan e Cobaugh (2018) expõem o fato de que as narrativas quando produzidas em um enquadramento de guerra nunca são inócuas, pois representam interesses de poder. Além disso, elas não refletem eventos, mas os ordenam. Elas não refletem motivações, mas as atribuem. Resumindo, elas são peças de uso estratégico que operam principalmente com base no sentido e na identidade:

> Dado que significado e identidade são o material das narrativas, quando as narrativas são armadas[1], elas atacam as identidades do público-alvo e causam desorientação na maneira como as pessoas e as culturas entendem e dão significado aos eventos. (Maan; Cobaugh, 2018).

Deve ser entendido que o campo de batalha da Guerra de Narrativas não são os textos em si, mas o campo da cognição humana (Maan, 2018). De maneira ampla, narrativas comuns unem pessoas, narrativas estratégicas separam de maneira maniqueísta o mundo: nós x eles; bem x mal (Lejano; Nero, 2020). No fim, como se observa nos debates sobre grandes temas atuais (mudanças climáticas, combate a doenças, direitos sociais etc), a questão não é mais um embate entre dados científicos, mas um conflito entre visões de mundo diversas e diferentes.

Uma outra característica importante a ser ressaltada é que narrativas completamente opostas têm como origem um mesmo fato ou uma mesma série de eventos (Maan, 2018). Isso pode ser ilustrado com a história do descobrimento do Brasil. O acontecimento histórico é claro; em 22 de abril de 1500 uma expedição portuguesa liderada por Pedro Álvares Cabral desembarcou pela primeira vez em terras brasileiras. A partir daí duas narrativas criam diferentes sentidos e atribuem identidades aos atores envolvidos. Uma tradicional, afirmando que esse evento foi o marco grandioso da gênese de uma nação. E uma segunda narrativa vem se opor a esta: o Brasil não foi descoberto, mas invadido (Globo Comunicação e Participações, 2013), colocando assim em choque dois discursos diferentes.

1 O texto original em inglês usa o termo *weaponized narratives*, aqui traduzido como narrativas armadas. *Weaponized* tem o sentido de dar a algo uma capacidade ofensiva, o tornando capaz de provocar danos.

O exemplo dado acima também mostra como narrativas podem se tornar parte integrante da cultura de um povo ou um grande grupo social e, dessa forma, serem passadas de geração em geração, tanto em forma textual quanto oral (Maan; Cobaugh, 2018). Destarte, como será mostrado mais à frente neste artigo, identificar quais são as grandes narrativas que uma audiência já possui é um ponto de partida importante quando se busca influenciar indivíduos.

Um último aspecto importante para se entender narrativas é estabelecer sua relação intrínseca com a ideologia, conceito este que possui uma infinidade de definições diferentes, variando entre autores e escolas de pensamento (Hiltunen, 2020). Assim, o enquadramento dado por Lejano e Nero (2020, p.8, tradução nossa) se encaixa no escopo do presente artigo quando afirmam que "as ideologias são, mais frequentemente, representadas na forma de uma narrativa[2]". Esses autores estudaram a Guerra de Narrativas a partir dos diferentes posicionamentos a respeito das mudanças climáticas, chegando à conclusão de que o que dá às narrativas um potencial ofensivo é a manipulação intencional de elementos ideológicos dentro do texto.

Nesse ponto, estabelece-se uma ligação entre narrativa, ideologia e a interpretação da realidade. Segundo Slavoj Žižek (2017), é através da ideologia que acessamos a realidade. Em uma analogia, a ideologia funciona como as lentes de um par de óculos, se colocando entre o olho do observador e o mundo observado, dando assim o sentido ao que é visto. Dessa forma, a Guerra de Narrativas opera nos textos pela ideologia[3] que eles carregam, modificando pôr fim a maneira como o receptor irá interpretar o mundo à sua volta.

Por fim, outros elementos são característicos da maneira como os textos em uma Guerra de Narrativas se desenvolvem. Uma vez que esse trabalho tem como um de seus objetivos finais a análise de um texto, prosseguiremos com um dos elementos mais básicos da comunicação: a linguagem.

2 "[...] ideologies can, most often, be represented in the form of a narrative." (Lejano; Nero, 2020, p. 8)

3 Aqui, ideologia não é tratada no sentido pejorativo ou definitivo, e sim descritivo. Nessa abordagem "não se faz um julgamento sobre bondade ou maldade, ou erro ou retidão da ideologia" (Hiltunen, 2020, p. 7, tradução nossa).

O PAPEL DA LINGUAGEM

O Círculo de Bakhtin afirma que o signo linguístico é a realidade material por excelência da criação ideológica (Peixoto; Ferreira, 2017), sendo esse o ponto de contato entre a linguagem e a Guerra de Narrativas. Em outras palavras, é através da linguagem que se pode "enxergar" a ideologia presente no texto. Contudo, a linguagem não é um produto final, inerte e acabado, pois ela também cria sentidos, como afirma Charaudeau (2013), dando-nos assim a relação dialética entre linguagem e ideologia na qual narrativas estratégicas trabalham.

Colocando os conceitos acima discutidos dentro do contexto das relações humanas, Gee (1999) argumenta que a linguagem ganha seu sentido somente *nas* e *através das* práticas sociais, e vai muito além da transmissão de informações. Ele afirma ainda que ela carrega implicitamente dentro de si os elementos *dizer* (informar), *fazer* (ação) e *ser* (identidade), e ganha seu sentido através da maneira que é praticada. Utilizando o exemplo da comunicação escrita, a seleção de palavras, a construção gramatical do texto e a escolha do que será informado irão imputar uma certa identidade à figura de quem produz o que está sendo informado.

Prosseguindo agora com o elemento básico de constituição da linguagem, que são as palavras, deve-se ressaltar que elas possuem a capacidade de apontarem para representações e a propriedade de carregar valores (Charaudeau, 2013), itens esses que agem diretamente no processo de criação de sentidos e de influenciar indivíduos. Complementando: palavras são como os blocos de construção fundamentais da linguagem e, em última análise, das "narrativas ou histórias que precisam de uma comunidade para mantê-las, e a comunidade precisa das histórias para lhe dar identidade" (Lejano; Nero, 2020, p. 1 tradução nossa).[4]

Seguindo a mesma linha dos conceitos acima apresentados, o filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) afirma que "A linguagem é responsável pela nossa constituição enquanto seres humanos e pela construção do nosso mundo" (Lima, 2021, p. 2). O autor também desenvolve em seus trabalhos o conceito de dialogismo, que pode ser definido em linhas gerais como a relação "que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo que tem sentido e importância" (Bakhtin, 2010a, p. 47 apud Lima, 2022, p. 2), conceito este que reforça o papel central que a linguagem e os sujeitos possuem na criação de narrativas.

4 Texto original: "[...] where the stories need a community to maintain them, and the community needs the stories to give it identity." (Lejano; Nero, 2020, p. 1)

Uma outra perspectiva filosófica pode ajudar a compreender a linguagem dentro da Guerra de Narrativas. Ludwig Wittgenstein (2009) apresenta no livro **Investigações Filosóficas** o conceito de "jogos de linguagem", onde as palavras que constituem um discurso possuem seus sentidos definidos sempre em relação ao contexto em que se estão inseridos, fazendo, assim, uma analogia com as cartas de um baralho, que podem mudar de importância de acordo com o jogo que está sendo jogado. Gee (1990) aplica esses argumentos à sociedade e complementa afirmando que o significado é algo que negociamos e disputamos socialmente. É algo que tem suas raízes na "cultura" no sentido muito profundo e extenso de que reside na tentativa de encontrar terreno comum.

Wittgenstein (2009) coloca ainda que não existe um "super jogo de linguagem" que normatize todos os outros. Assim, toda proposição deve ter sua validade avaliada dentro das circunstâncias onde está sendo empregada. Transportar palavras e conceitos de um contexto para outro pode servir à manipulação de sentido, o que como vimos na Guerra de Narrativas, ocorre sempre de maneira intencional.

O DISCURSO DENTRO DA GUERRA DE NARRATIVAS

O autor Jean Paul Gee (1999) apresenta no livro *An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method* o conceito de Discursos[5]. Esse termo de maneira geral engloba outros elementos além de linguagem e pode ser entendido nas palavras exatas desse estudioso:

> A chave para os Discursos é o "reconhecimento". Se você colocar linguagem, ação, interação, valores, crenças, símbolos, objetos, ferramentas e lugares juntos de tal forma que os outros o reconheçam como um tipo particular de alguém (identidade) envolvido em um tipo particular de quê (atividade), aqui e agora, então você fez um Discurso. (Gee, 1999, p. 27, tradução nossa)[6]

5 O autor utiliza Discurso com a primeira letra capitalizada para sinalizar que esse vocábulo será empregado com um novo significado, diferente da palavra discurso utilizada no cotidiano.

6 Texto original: "The key to Discourses is "recognition". If you put language, action, interaction, values, beliefs, symbols, objects, tools, and places together in such a way that others *recognize* you as a particular type of who (identity) engaged in a particular type pf what (activity), here-and-now, then you have pulled off a Discurse".

Assim, há uma clara interação dialética entre estruturas sociais e Discursos (Ramalho, 2022). E uma vez que um dos elementos básicos da Guerra de Narrativas é a identidade, fica clara a ligação estreita entre Discurso e narrativa. Todo indivíduo ou grupo social possui um ou mais Discursos (Gee, 1999), e como será demonstrado na próxima seção desse artigo, quanto mais uma narrativa estiver em consonância com a visão de mundo de seu público-alvo, mais credibilidade terá e, consequentemente, mais eficiente será (Maan, 2018).

CREDIBILIDADE, VERDADE E A IMAGEM DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Quando se trata da capacidade de influência de uma narrativa, a credibilidade do narrador junto a uma comunidade ou grupo possui um peso determinante na percepção da veracidade do que está sendo dito (Maan, 2018). Essa mesma autora coloca ainda que a percepção que o público-alvo tem do mensageiro é vital para o êxito de uma narrativa. Ela ilustra esse ponto mostrando a dificuldade que tropas americanas têm em contrapor narrativas extremistas dentro de países que são sedes de organizações terroristas, dada a enorme distância cultural entre diferentes povos e diferentes Discursos.

Aristóteles (2005) estudou em Retórica a habilidade de um narrador encontrar os meios para persuadir seu público. Ele chegou a três conceitos centrais na persuasão: *ethos, logos* e *pathos*. Assim, para que haja o convencimento, é necessário que o discurso se baseie em argumentos lógicos e coerentes (*logos*). É preciso se conectar emocionalmente com o público-alvo (*pathos*). E por último, deve haver a percepção do narrador como um possuidor da autoridade (*ethos*).

Dessa maneira, o *ethos* remete diretamente ao conceito de credibilidade de quem produz uma narrativa. Em um texto, isso inclui a maneira como o narrador se apresenta, o conhecimento que diz ter sobre o assunto em questão e até o estilo de escrita. Aristóteles (2005) também aponta que, ao longo do próprio texto, o autor poderá "criar" a identidade que possui no mundo real, o que, em um movimento circular, irá alimentar a aceitação do que diz perante o público.

Os estudos semiolinguísticos de Charaudeau (2013) mostram que a credibilidade do narrador ganha ainda mais importância ao considerarmos os conceitos de efeito de verdade e valor de verdade nas narrativas:

> O *efeito de verdade* está mais para o lado do "acreditar ser verdadeiro" do que para o do "ser verdadeiro". Surge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo. Diferentemente do valor de verdade, que se baseia na *evidência,* **o efeito de verdade baseia-se na *convicção,* e participa de um movimento que se prende a um *saber de opinião,* a qual só pode ser apreendida empiricamente, através dos textos portadores de julgamentos**. (Charaudeau, 2013, p. 49). (grifo nosso)

Assim, retomando o fato de que a intenção de narrativas estratégicas é influenciar pessoas, torna-se evidente que na Guerra de Narrativas com frequência o efeito de verdade se sobrepõe ao valor de verdade, uma vez que esse tipo de combate não é mais apenas uma luta entre verdade e mentiras. É uma luta sobre significado e identidade – o sentido da verdade e o sentido das mentiras (Maan; Cobaugh, 2018).

Dessa forma, o peso que a credibilidade possui dentro da Guerra de Narrativas vai ao encontro da missão norteadora da Comunicação Social do Exército: preservar e fortalecer a imagem da Força (Brasil, 2022b), missão esta que guia as atividades, os pilares de atuação e princípios desse sistema no EB.

A GUERRA DE NARRATIVAS NO DEBATE HOSPITAIS MILITARES E PANDEMIA

Tendo em vista o último objetivo desse artigo que é o exame da narrativa dentro de um texto, a Análise de Discurso Crítica vem fornecer um modo para se realizar essa tarefa. Esse método une teoria e prática e pode fornecer um retrato da ideologia presente em uma peça textual.

Deve-se ressaltar que a análise de um texto por si só não é capaz de encerrar completamente o estudo de uma narrativa. Ainda assim, um texto possui efeitos que vão do curto ao longo prazo, podendo modificar as pessoas e suas identidades, crenças e valores, estando presente frequentemente em situações de guerra e de transformações sociais e políticas (Peixoto; Ferreira, 2017).

Assim, iremos utilizar as teorias até aqui apresentadas para a análise da matéria do jornal Folha de S. Paulo, bem como apresentar as consequências visíveis que essa narrativa teve. Serão ressaltados como esse polo de comunicação atribui sentidos aos fatos, e como buscou atingir a identidade das Forças Armadas, tudo isso por meio da linguagem empregada nos textos.

No dia 6 de abril de 2021, o portal online do jornal Folha de S. Paulo publica a matéria "Hospitais das Forças Armadas reservam vagas para militares e deixam até 85% de leitos ociosos sem atender civis" (Sassine, 2021) (conferir Anexo A). Aqui, o próprio título indica qual será a narrativa imposta pelo autor. Da escolha das palavras "reservam" e "ociosos", assim como com a oração reduzida final ("sem atender civis"), pode-se inferir que os militares seriam insensíveis ao sofrimento humano, uma vez que preferem deixar leitos desocupados.

No início da reportagem os primeiros fatos legais e orçamentários são apresentados: as unidades públicas de saúde do país estão em colapso e os hospitais militares bloqueiam leitos, além de consumirem uma quantidade considerável de recursos do Governo Federal. No 5º parágrafo da reportagem lê-se, então, o que confirmaria a "desumanidade dos militares" e a infração ao direito universal de qualquer cidadão `a saúde:

> A reserva de vagas aos militares contraria os princípios da dignidade humana e viola o dever constitucional do Estado de oferecer acesso à saúde de forma universal, conforme o tribunal, que determinou no dia 17 a abertura dos dados sobre ocupação de leitos. (Sassine, 2021, p. 2, grifo nosso).

A seleção de informações com o intuito de conduzir o leitor para o ponto desejado pelo autor também é clara, pois o dado utilizado no título da matéria (85% dos leitos) foi meticulosamente selecionado como forma de causar impacto, ou seja, apelo emocional (*pathos*) a partir de uma informação estatística (*logos*). Os dados gerais sobre a ocupação de leitos dos hospitais militares expostos no corpo do próprio texto mostram que o cenário geral não sustenta suficientemente o quadro que busca construir, como em "No caso das UTIs, [segundo o Exército] há um cenário de superlotação. Dezenove hospitais militares do Exército oferecem 217 leitos, e apenas três não têm 100% ou mais de ocupação geral." (Sassine, 2021, p. 4).

A condução ideológica do texto é feita de maneira a apresentar ao leitor uma sociedade dividida em dois polos opostos – a sociedade civil e os militares. Em outro

trecho da reportagem lê-se: "Os auditores sustentam que os hospitais militares deveriam fazer convênios com o SUS para ampliar atendimentos à população durante essa fase mais crítica da pandemia, quando há um colapso generalizado das redes públicas de saúde nos estados" (Sassine, 2021, p. 2). Desse modo, fica de um lado a população desamparada, de outro, os militares que se recusam a ajudar.

Como resultado, é possível compreender claro ataque à imagem das instituições que compõem as Forças Armadas, inclusive a sua credibilidade, pois as respostas enviadas pelas três Forças foram expostas de maneira esparsa e fragmentada no texto (Sassine, 2021), a fim de enfraquecer os argumentos apresentados diante da situação em foco. Cabe ressaltar que a narrativa criada pela matéria no jornal teve consequências palpáveis: cerca de três meses após a publicação, o Ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes declarou que "o Exército está se associando ao genocídio" (Cable News Network Brasil, 2020).

A matéria é encerrada com uma declaração feita por um Deputado Federal. Usando uma linguagem com forte apelo emocional, as ações das Forças Armadas são mostradas como vergonhosas e ilegais: "É uma vergonha que os militares mantenham leitos vazios enquanto milhares de civis morrem sem ar nas filas de hospitais. Uma vergonha ilegal", afirma o deputado. "O corporativismo é tamanho que a taxa de desocupação de alguns hospitais militares chega a 85%. É como se as vidas civis fossem de segunda classe, descartáveis." (Sassine, 2021, p. 6). Tal declaração reforça, a partir da utilização de elementos que fazem sobressair a verossimilhança (o uso de dados estatísticos, por exemplo), a condução ideológica dada `a narrativa desde o início, de maneira a convencer seus leitores de uma suposta versão da verdade.

Importa ressaltar a utilização de termos e conceitos que remetem a ideias comumente associadas ao contexto da vida militar, como "corporativismo", "privilégio", "exclusividade" – todos esses relacionados ao que se conhece como **interdiscursos**, ou seja, aos vários discursos anteriores e exteriores ao dizer, o qual é constituído no momento da enunciação – todo interdiscurso vem carregado de formações ideológicas que se inserem num determinado universo discursivo e servem para a adequação do texto à sua realidade extratextual, criando o que se denomina "coerência extratextual" (Fiorin, 1998), elemento importante para que os leitores se reconheçam no texto e "concordem" com seu conteúdo.

CONCLUSÃO

Este artigo científico apresentou o enquadramento do que é Guerra de Narrativas, como ela se estrutura e como causa seus efeitos. Ao longo da discussão proposta, mostrou-se o relacionamento entre narrativas estratégicas com a ideologia, a linguagem e os Discursos. Foi também estabelecido o papel que a credibilidade atribuída a uma pessoa, grupo ou veículo midiático desempenha no poder de influenciar um determinado público-alvo. Tal argumentação se sustenta naquilo que Charaudeau (2013) chama de "efeito de verdade", em oposição ao conceito de "valor de verdade", que se ancora no aspecto da verossimilhança também. Na última parte do desenvolvimento, introduziu-se a Análise de Discurso Crítica como ferramenta de análise e com ela foi realizada a análise da matéria de um jornal que buscava construir/ conduzir a leitura para uma imagem negativa das Forças Armadas em relação à sociedade civil, com base na suposta situação da disponibilidade de leitos para pacientes da Covid-19.

Durante o presente estudo, com base nos autores pesquisados, evidenciou-se que a Guerra de Narrativas é um embate no campo discursivo que tem como um de seus meios de atuação o emprego de narrativas estratégicas. Esse tipo de narrativa reconta eventos dando um sentido a eles e qualificando a identidade dos agentes envolvidos. Com o objetivo de influenciar percepções e comportamentos, são empregados em sua construção textual elementos ideológicos que possuem a propriedade de atuar sobre a visão de mundo de um indivíduo, de um grupo social, ou de todo um povo, considerando-se elementos como a verossimilhança e os interdiscursos.

Por fim, como resultado da análise feita sobre a matéria do jornal Folha de S. Paulo, conclui-se que nessa matéria encontram-se elementos típicos de narrativas que entram em conflito com a situação como ela é apresentada pelas FFAA, caracterizando-se o que se denomina de Guerra de Narrativas. O texto jornalístico deliberadamente construiu um sentido negativo aos fatos e atribuiu às Forças Armadas uma identidade depreciativa, atacando, dessa forma, sua credibilidade com a intenção de influenciar a opinião pública do país sobre as Forças Armadas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Revisão de Levi Condinho. 2. ed. rev. [*S.l.*.]: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005. 311 p. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf. Acesso em: 13 maio 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011. 512 p.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Nota de esclarecimento: matéria da Folha manipula, omite e distorce ao dizer que hospitais militares estão ociosos**. [*S. l.*], 7 abr. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/nota-de-esclarecimento-materia-da-folha-manipula-omite-e-distorce-ao-dizer-que-hospitais-militares-estao-ociosos. Acesso em: 23 maio 2022a.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Portaria nº 1.237-C Ex, de 23 de novembro de 2020**. Aprova a Diretriz Geral de Comunicação Estratégica no âmbito do Exército (EB-10-D-01.018). Brasília, DF: Ministério da Defesa, p. 1-5, 2020a. Disponível em: http://www.sgex.eb.mil.br/sg8/006_outras_publicacoes/01_diretrizes/01_comando_do_exercito/port_n_1237_cmdo_eb_23nov2020.html. Acesso em: 13 maio 2022b.

BRASIL. Ministério da Defesa. Portaria Normativa Nº 30, de 17 de março de 2020. Estabelece medidas de proteção no âmbito do Ministério da Defesa e dos Comandos das Forças Singulares para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). **Diário Oficial da União:** seção 1 – extra, Brasília, DF, ano 157, n. 52-C, p. 1, 17 março 2020b. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-normativa-n-30-de-17-de-marco-de-2020-248410548. Acesso em: 13 maio 2022c.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Fundamentos**: comunicação social. 2. ed. [Brasília, Df]: Ministério da Defesa, 2017. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/1/1168/1/EB20-MF-03.103.pdf Acesso em: 19 maio 2022d.

CABLE NEWS NETWORK BRASIL. **'Exército está se associando a genocídio', diz Gilmar Mendes**. 2020. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/exercito-esta-se-associando-a-genocidio-diz-gilmar-mendes/. Acesso em: 2 ago. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. reim. São Paulo: Contexto, 2013. 285 p. PDF.

COMMANDER'S Handbook for Strategic Communication and Communication Strategy. Suffolk, VA: **United States Joint Forces Command**, 2010. 15 p.

FIORIN, José Luiz. Teorias do texto e ensino: a coerência. IN: VALENTE, André Crim (org.). **Língua, lingüística e literatura – uma integração para o ensino**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 209-227.

GEE, James Paul. **An introduction to discourse analysis**: theory and method. London: Routledge, 1999. 176 p.

GEE, James Paul. **Social Linguistics and Literacies**: ideology in discourses. [*s.l.*]: Falmer Press, 1990. 203 p.

GIELOW, Igor. CPI da Covid agravou crise de imagem dos militares sob Bolsonaro: comissão expôs rede suspeita de influência na gestão do general Pazuello na saúde. **Folha de S.Paulo.** [São Paulo], p. 1-6. 17 out. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/cpi-da-covid-agravou-crise-de-imagem-dos-militares-sob-bolsonaro.shtml. Acesso em: 19 maio 2022.

GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES. **Descobrimento foi, na verdade, uma invasão à terra dos índios**. 2013. Disponível em: http://glo.bo/GMR3Vs. Acesso em: 30 maio 2022.

HILTUNEN, Juri. **ŽIŽEK'S THEORY OF IDEOLOGY**: a critical overview. 2020. 79 f. Dissertação (Master's Degree of Social and Moral Philosophy), University of Helsinki, [*s.l.*], 2020. Disponível em: https://helda.helsinki.fi/handle/10138/317554. Acesso em: 19 maio 2022.

LEJANO, Raul P.; NERO, Shondel J. **Power of Narrative**: climate skepticism and the deconstruction of science. [Oxônia]: Oxford University Press, 2020. 204 p. E-book.

LIMA, Adenaide Amorim. A filosofia da linguagem em Bakhtin: conceitos principais. Litterarius, [s.l.], v. 20, n. 01, p. 1-16, ago. 2021. Disponível em: http://revistas.fapas.edu.br/index.php/litterarius/article/view/40/18. Acesso em: 13 maio 2022.

MAAN, Ajit K; COBAUGH, Paul L. **Introduction to Narrative Warfare**: a primer and study guide. [S.l.: s.n.], 2018. 62 p.

MAAN, Ajit. **Narrative Warfare**. [S.l.]: Narrative Strategies Ink, 2018. 100 p. E-book.

MICHAELIS Dicionário. [S.l.]: Melhoramentos, 2021. 992 p.

PEIXOTO, Maria Eduarda Gonçalves; FERREIRA, Ruberval. A conexão entre ideologia e texto na teoria crítica do discurso. **Línguas e Instrumentos Linguítiscos**, [s.l], n. 39, p. 113-140, jan. 2017. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/ http://www.revistalinguas.com/edicao39/artigo5.pdf. Acesso em: 6 maio 2022.

RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. IDEOLOGIA E REPRESENTAÇÃO DE ATORES SOCIAIS: a invasão ao iraque. **Revista Investigações**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 1-9, jan. 2005. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1488. Acesso em: 14 ago. 2022.

SASSINE, Vinicius. Hospitais das Forças Armadas reservam vagas para militares e deixam até 85% de leitos ociosos sem atender civis. **Folha de S. Paulo**. [São Paulo], p. 1-8. 6 abr. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/hospitais-das-forcas-armadas-reservam-vagas-para-militares-e-deixam-ate-85-de-leitos-ociosos-sem-atender-civis.shtml. Acesso em: 24 maio 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical investigations.** Translated by de G.E.M. Anscombe, P.M.S. Hacker, and Joachim Schulte. 4. ed. [S.l.]: P.M.s. Hacker and Joachim Schulte., 2009. 321 p.

ŽIŽEK, Slavoj. Ideology Is the Original Augmented Reality: how we fill gaps in our everyday experiences. Natilus, New York, p. 1-12, 26 out. 2017. Disponível em: https://nautil.us/ideology-is-the-original-augmented-reality-236862/. Acesso em: 6 ago. 2022.

ANEXO A – REPORTAGEM DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

FOLHA DE S.PAULO

CORONAVÍRUS (HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/COTIDIANO/CORONAVIRUS/)

Hospitais das Forças Armadas reservam vagas para militares e deixam até 85% de leitos ociosos sem atender civis

É a primeira vez que as taxas de ocupação para Covid são informadas desde determinação do TCU

6.abr.2021 às 20h23
Atualizado: 7.abr.2021 às 17h16

EDIÇÃO IMPRESSA (https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2021/04/08/)

Vinicius Sassine (https://www1.folha.uol.com.br/autores/vinicius-sassine.shtml)

BRASÍLIA Após determinação do TCU (https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/tcu-investiga-forcas-armadas-por-nao-ofertar-leitos-de-unidades-militares-de-saude-durante-pandemia.shtml) (Tribunal de Contas da União), as Forças Armadas abriram, pela primeira vez na pandemia, os dados sobre ocupação de leitos para pacientes com Covid-19 nos hospitais militares. As planilhas mostram que as Forças bloquearam leitos à espera de militares em enfermarias e UTIs e que há unidades com até 85% de vagas ociosas.

O TCU investiga possíveis irregularidades por parte de Ministério da Defesa, Exército, Aeronáutica e Marinha ao não ofertarem a civis leitos destinados a pacientes com Covid-19 em unidades militares de saúde.

Essas unidades consumiram pelo menos R$ 2 bilhões do Orçamento da União em 2020, segundo auditoria do TCU.

Os auditores sustentam que os hospitais militares deveriam fazer convênios com o SUS para ampliar atendimentos à população durante essa fase mais crítica da pandemia, quando há um colapso generalizado das redes públicas de saúde nos estados.

A reserva de vagas aos militares contraria os princípios da dignidade humana e viola o dever constitucional do Estado de oferecer acesso à saúde de forma universal, conforme o tribunal, que determinou no dia 17 a abertura dos dados sobre ocupação de leitos.

1 / 13 Covid leva hospitais ao colapso no Brasil



Kelvia Andrea Goncalves, 16, no enterro de sua mãe, Andrea dos Reis Brasao, 39, que morreu de Covid-19 em Manaus... MAIS

O Ministério da Defesa pediu mais 10 dias para sistematizar os dados, o que foi autorizado pelo plenário do TCU no dia 24.

Vencido o prazo, as primeiras planilhas com as informações começaram a ser publicadas nos sites das Forças Armadas. As próprias planilhas registram que leitos são reservados exclusivamente a militares e seus familiares.

Até então, o Ministério da Defesa, os comandos das Forças e a direção do HFA (Hospital das Forças Armadas), em Brasília, evitavam dizer se as unidades estavam abrindo ou não espaços a civis, diante do colapso nas redes públicas de saúde (https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/04/numero-de-mortos-a-espera-de-leitos-de-uti-passa-dos-530-em-sp.shtml).

A **Folha** formulou pedidos de informação a HFA, Marinha, Exército e Aeronáutica, por meio da Lei de Acesso à Informação, sobre destinação de vagas a civis. As respostas dadas pelas duas primeiras instituições confirmam que os leitos são destinados a militares e seus dependentes e que não houve abertura de vagas a civis em geral.

No HFA, são atendidos apenas servidores civis do Ministério da Defesa. O hospital também atende o presidente Jair Bolsonaro, o vice Hamilton Mourão e ministros de Estado.

O Exército afirmou que seu sistema é voltado aos militares, sem dizer se abriu alguma exceção a civis. A Aeronáutica pediu mais tempo para responder.



O presidente Jair Bolsonaro deixa o HFA (Hospital das Forças Armadas) em dezembro de 2019 após passar a noite em observação por conta de uma queda no banheiro do Palácio da Alvorada - Pedro Ladeira/Folhapress

A **Folha** localizou as planilhas com dados sobre a ocupação dos leitos publicadas por Aeronáutica, Exército e HFA, publicadas após a determinação do TCU, mas não os da Marinha. Após a publicação da reportagem, a Força enviou um link onde as informações estão publicadas.

A Aeronáutica lista 27 unidades de saúde, das quais 14 têm leitos reservados a pacientes com Covid-19. Em quase todas não há vagas em UTIs, que estão lotadas, conforme dados atualizados na segunda-feira (5). Há uma exceção: a UTI do Hospital de Aeronáutica de Recife, onde a ocupação é de 71,43%.

Quanto aos leitos de enfermaria, apenas três têm 100% de ocupação. Em outras seis, o índice é de 50% ou menos. São os casos dos esquadrões de saúde de Guaratinguetá (SP), Curitiba (PR), Natal (RN) e Lagoa Santa (ES), com ocupação inferior a 25%.

A ocupação dos leitos clínicos para Covid-19 no Hospital de Aeronáutica de Canoas (RS) estava em 41,67%. No Hospital de Aeronáutica de Manaus, em 50%.

Já o Exército divulgou a disponibilidade geral de leitos, não apenas para Covid. Segundo a força, 23 unidades de saúde têm 366 leitos, um terço do total. Em 14 delas, a ocupação geral é de 50% ou menos.

As maiores ociosidades, segundo planilha do Exército, estão no Hospital de Guarnição de Florianópolis (ocupação de 13%), no Hospital Geral de Curitiba (19%), no Hospital de Guarnição de Marabá (PA) (22%) e no Hospital Geral de Juiz de Fora (MG) (26%).

No caso das UTIs, há um cenário de superlotação. Dezenove hospitais militares do Exército oferecem 217 leitos, e apenas três não têm 100% ou mais de ocupação geral.

No Hospital de Guarnição de Marabá, há duas vagas e as duas estão livres, segundo o Exército. No Hospital Militar de Área de Manaus, a ocupação geral é de 33%; há seis leitos ativos para pacientes com Covid-19. E no Hospital de Guarnição de Porto Velho, há quatro vagas, todas livres.

A administração dos leitos para Covid-19 nos hospitais militares do Exército faz parte da chamada Operação Apolo, cujas ações são gerenciadas pelo Departamento Geral de Pessoal.

O chefe do departamento é o general Paulo Sérgio de Oliveira, que foi indicado na semana passada ao cargo de comandante do Exército (https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/para-tentar-arrefecer-crise-exercito-publica-imagem-de-encontro-de-comandantes.shtml), após a demissão do atual comandante, Edson Leal Pujol.

No HFA, quase todos os 40 leitos de UTI estão ocupados com pacientes com Covid-19. O índice divulgado é de 97,5%. Já os leitos de enfermaria têm ocupação de 57,1%, segundo atualização feita pelo hospital nesta terça.

Dos pacientes que estão em enfermaria (há 70 leitos), 10% integram uma lista de espera e aguardam uma vaga em UTI, segundo o HFA. Parte dos leitos de enfermaria se destina a pacientes que tiveram alta da UTI.

A Marinha, por sua vez, tinha apenas um leito clínico disponível no Hospital Naval de Natal e um leito no Hospital Naval de Recife. Não havia vagas de UTI.

Segundo o Ministério da Defesa, a respeito do HFA, o número de leitos de UTI ou clínicos não é constante e se adapta à demanda. Não há ociosidade e há grande rotatividade, afirmou o ministério. "Isso acontece não só em hospitais militares, mas também em hospitais públicos e privados", disse, em nota.

"A informação sobre a taxa de ocupação faz alusão apenas aos dados do dia corrente, pois qualquer número ou porcentagem relacionada à disponibilidade de leitos que vier a ser divulgada de maneira equivocada poderá construir um cenário incerto, que não condiz com essa realidade que muda a todo instante", afirmou.

A pasta disse ter fornecido todos os dados ao TCU, a partir da determinação feita. "Os hospitais militares estão com número limitado de leitos, assim como os hospitais públicos. Esses dados estão disponíveis na internet e podem ser acessados, de maneira irrestrita, nos sites do HFA e das Forças Armadas."

O percentual de militares da ativa infectados pelo coronavírus por estarem na linha de frente supera 13%, valor superior à média nacional, conforme a nota.

"Esse número elevado, somado à grande quantidade de dependentes, militares da reserva, reformados e pensionistas, normalmente de idade bastante avançada, que são atendidos por lei, tem mantido o sistema de saúde das Forças e hospitais militares no limite de suas capacidades, como no restante do país", afirmou a Defesa.

Com o objetivo de liberar para o SUS os leitos ociosos das Forças Armadas, o deputado federal Kim Kataguiri (DEM-SP) vai entrar, nesta quarta-feira (7), com uma ação popular contra o ministro Braga Netto (Defesa).

Na ação, o deputado argumenta que os leitos pertencem à administração pública, mesmo que parcialmente custeados com recursos privados dos militares e de seus dependentes.

"É uma vergonha que os militares mantenham leitos vazios enquanto milhares de civis morrem sem ar nas filas de hospitais. Uma vergonha ilegal", afirma o deputado. "O corporativismo é tamanho que a taxa de desocupação de alguns hospitais militares chega a 85%. É como se as vidas civis fossem de segunda classe, descartáveis."